



## **MARIA HELENA ANDRÉS E PIERRE WEIL, DO RETIRO DAS PEDRAS À UNIPAZ**

### **APRESENTAÇÃO**

Desde 1974, quando ambos moravam no condomínio do Retiro das Pedras, em Brumadinho, na região metropolitana de Belo Horizonte, Maria Helena era amiga de Pierre Weil. Naquela época ele era casado com a professora de ioga Maria José Marinho e ambos visitaram Maria Helena quando Luiz Andrés, marido dela, adoeceu e veio a falecer em 1977.

Em 1977, Maria Helena publicou o livro *Os caminhos da Arte*, prefaciado por Pierre Weil e pouco depois ela ilustrou o livro dele, *Ondas à procura do mar*.

Naquela ocasião ambos viveram insights de síntese holística, ela no campo das artes, ele no campo organizacional. Por serem vizinhos no condomínio, ambos compartilhavam da mesma vizinhança e Maria Helena vivenciou a gestão de Pierre como presidente do Retiro das Pedras.

Pierre e Maria Helena tinham um grande amigo comum, o Padre Inácio, padre do deserto.

A colaboração de Maria Helena com Pierre Weil se deu no campo da arte, da educação pela arte e das letras e livros.

Quando Pierre criou a Unipaz em Brasília ele a convidou para participar de workshops como o Encontro das Dimensões.

Ela participou de congressos holísticos em Salvador e em Belo Horizonte, e foi facilitadora em vários workshops da formação holística de base. Para um destes workshops ela levou para Brasília um grande painel que, devido a suas afinidades com a proposta holística, doou para a UNIPAZ e que se encontra na sede na granja do Ipê, bem como outro quadro de sua autoria também doado naquela ocasião. Ambos retratam mandalas. A partir da metade de sua vida, na década de 70, a Mandala oriental

que corresponde a uma necessidade de integração, de criar uma Gestalt, uma forma inteira, onde todos os lados são iguais e simboliza a unidade cósmica expressou a evolução de sua espiritualidade, numa perspectiva holística e integral. O lirismo e a busca pelo espiritual na arte estão presentes em toda a sua obra.

Mais recentemente, Maria Helena retornou a Brasília e visitou a Unipaz, onde gravou cenas que estão no filme Arte e Transcendência (2018).

Compilamos abaixo alguns textos sobre Pierre Weil, o Retiro das Pedras Padre Inácio e a Unipaz, publicados por Maria Helena em seus blogs

- 1. AS PEDRAS DO RETIRO**
- 2. CAMINHANTE**
- 3. SERRA DA CALÇADA, UMA MONTANHA SAGRADA**
- 4. PIERRE WEIL NO RETIRO DAS PEDRAS**
- 5. CARTA À UNIPAZ**
- 6. UNIPAZ 30 ANOS**
- 7. PADRE INÁCIO**
- 8. ARTE E VIDA**
- 9. PREFÁCIO DE PIERRE WEIL PARA O LIVRO OS CAMINHOS DA ARTE**

## 1. AS PEDRAS DO RETIRO



\*Fotos de Maria Helena Andrés

As pedras do Retiro são verdadeiros sinais. Elas nos mostram cenas bíblicas. A via sacra, a paixão de Cristo, os três reis Magos e a imagem de Nossa Senhora, que eu denominei Nossa Senhora da Pedra, protetora dos indígenas e das montanhas. Isto pelo fato de encontrá-la durante uma cerimônia que fizemos em homenagem aos primeiros habitantes do Brasil, especificamente os nossos indígenas guerreiros.

Fui convidada a comparecer e participei da cerimônia comandada por Magui, uma vizinha que esteve várias vezes numa reserva indígena nos Estados Unidos. Os indígenas, de um modo geral, são os grandes preservadores da natureza. Estão muito mais ligados ao conhecimento dos rios, das florestas, dos animais, dos astros do que nós que vivemos nas grandes cidades.

Segundo o depoimento do Chefe Seattle, de uma reserva indígena americana, “cada ramo brilhante de um pinheiro, cada punhado de areia das praias, a penumbra na floresta densa, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados na memória e na experiência do meu povo”

E foi durante aquela cerimônia no Retiro que a Nossa Senhora da Pedra apareceu. Trouxe-a para o meu jardim, para que possamos ter acesso a ela.

Os pés do Cristo, simbolizando a Pietá, estão no alto da montanha, bem junto à capela

do Retiro, uma capela ecumênica, onde várias religiões podem celebrar seus cultos.

Ao longo da pequena estrada de pedra, outras imagens vão surgindo. Com os recursos limitados da câmera de um celular, vou fazendo o que posso para dar testemunho desses sinais esculpidos pelo tempo.

Vejo os três reis magos, uma multidão acompanhando, um anfiteatro com pessoas escutando uma pregação. Tudo isto a gente pode ver e fotografar numa simples caminhada pelas montanhas de Minas.

As pedras falam, nos dizem muito sobre um passado remoto, muito antes de existirmos. As cenas bíblicas estão esculpidas nas pedras do Retiro, enquanto o sol vai descendo devagar ao longe, no horizonte de montanhas azuis.

6 de abril de 2020

## 2. CAMINHANTE





\*Fotos de Marília Andrés

Desço do carro  
até a passarela  
dos caminhantes.  
Lá em  
Entre Rios  
O povo sai de  
casa para andar  
na natureza.  
Aqui no Retiro  
o lugar de caminhar  
é à beira do precipício  
protegido por  
uma grade de madeira.  
Caminhamos à tarde  
quando o sol se põe  
e pela manhã  
quando o sol se eleva  
acima da terra.  
Os moradores  
escolheram este  
lugar privilegiado  
e daqui admiram  
o panorama.  
Montanhas curvas  
com formas de  
mulher  
rodeadas por  
pedreiras em  
forma masculina.

Há sempre este  
encontro  
na natureza

e na vida.  
Feminino-masculino.  
Os opostos se atraem  
e se completam.  
Yin e Yang  
Ao longo do tempo  
e do espaço.

18 de maio de 2020

### **3. SERRA DA CALÇADA, UMA MONTANHA SAGRADA**



Reunimos no alto de uma das montanhas que cercam o Condomínio Retiro das Pedras, perto de Belo Horizonte, para uma celebração vespertina em homenagem aos chefes indígenas que ali viveram, antes da chegada dos portugueses.

Dizem que esta terra é sagrada.

Nesta região acham-se enterrados muitos chefes indígenas que homenageavam a mãe terra. Cada pedra desta montanha manifesta a energia espiritual dos seus antigos habitantes.

Os chefes da tribo eram mágicos, faziam curas milagrosas e tinham contatos com outras esferas. Sentimos a sua presença quando participávamos da celebração. Os “Shamans” ali estavam para proteger a nossa montanha sagrada. Ao som de tambores, chocalhos e flautas, nossa homenagem ecoava pelo vale. Naquele momento éramos mensageiros do passado e arautos do futuro.

Em torno do fogo colocamos pedras da região. No terreno escorregadio as pedras pareciam desenhadas por mãos de artistas.

Fiquei em frente a uma delas, cor de rosa, onde se esboçava nitidamente a figura de uma mulher grávida. A mulher grávida representando a grande mãe terra, ali estava presente numa pedra encontrada por acaso, doando sua energia para a preservação das montanhas. Lugares sagrados são importantes e existem em várias regiões da terra. Uma montanha é considerada sagrada quando aconteceu no passado uma revelação divina ou a transmissão de um conhecimento.



Fotos: Euler Andrés

Cantávamos mantras. Uma paz foi descendo sobre nós e a certeza de que o sagrado de nossas montanhas seria respeitado.

No momento, as civilizações indígenas continuam a nos proporcionar lições de vida.

Elas sofreram invasões e uma aparente destruição, mas a força de sua ligação profunda com a natureza e com o universo persiste até hoje, abrindo a consciência de quantos se aproximam de seus ensinamentos.

13 de outubro de 2009

#### 4. PIERRE WEIL NO RETIRO DAS PEDRAS



Foto de Mauricio Andrés – Casa onde morou Pierre Weil no Retiro das Pedras

Hoje vou fazer um breve registro da passagem de Pierre Weil pelo Retiro das Pedras, como condômino, membro da diretoria e presidente deste espaço abençoado.

Pierre, sempre ligado às belezas naturais, andava todas as manhãs pelas ruas do condomínio. Morava na rua logo abaixo da minha e às vezes trocávamos ideias sobre arte e espiritualidade. Seu pensamento holístico, que mais tarde veio a se concretizar em Brasília, começou a se manifestar aqui no Retiro.

Devo a ele um prefácio muito bonito para o meu livro “Os Caminhos da Arte”, que eu acabara de escrever. Minha trajetória artística já começava a se delinear com muita nitidez. Uma outra trajetória, humanística, com abertura para novas pesquisas no campo das religiões comparadas e a Índia, me parecia a direção mais certa.

Naquela época, tive o apoio e o incentivo do Pierre, que já se preparava para largar as montanhas, onde teve uma colaboração ligada às artes e à educação, organizando peças teatrais para crianças, com a ajuda de Zezé e Ronei, artistas do Retiro que tinham acabado de construir um teatro.

Para homenagear Pierre, escolhemos a “Praça do Sol”, criada durante sua gestão e ali, no gramado verde, plantamos uma árvore.





Foto Mauricio Andrés – Arvore plantada para Pierre na Praça do sol no Retiro das Pedras

A árvore não pode permanecer por muito tempo, uma criança, passando de bicicleta a derrubou. Plantamos outra árvore.

Pierre veio a se radicar em Brasília. Inaugurou a Universidade da Paz e me deu incentivo para participar de um concurso, como professora de arte desta Universidade em Brasília. Aceitei a iniciativa e caminhei nesta direção.

Mais tarde, a experiência gerou uma série de workshops na Cidade da Paz. Tudo isto, devo ao incentivo de Pierre. Agora, olhando este céu muito azul do Retiro das Pedras, vou relembrando o quanto o Retiro deve a este líder espiritual que foi Pierre Weil.



Asa de anjo – foto de Maria Helena Andrés

## 5. UNIPAZ, 30 ANOS



Maria Helena Andrés e o painel Mandala no Cosmos na UNIPAZ-DF



Mandala no Cosmos, 7m x 1,40m - Acrílica s/ tela - 1989





\*Fotos de Maurício Andrés

Paramos o carro nos arredores de Brasília. Manhã de sol, vento fresco. Numa pequena tenda organizada dentro de um container azul, serviram água de coco. À frente um painel anunciava “UNIPAZ”. A granja do Ipê foi cedida em 1987 ao professor e psicólogo Pierre Weil para realizar o seu trabalho holístico e estendê-lo a todos os que já estavam preparados.





Pierre foi presidente do Retiro das Pedras, tentou iniciar o seu trabalho ali, no alto das montanhas de Minas, mas a vida o conduziu para o Planalto Central.

Agora, estou em frente ao meu painel pintado para o salão principal da Universidade. Lembro-me de quando foi pintado, no meu ateliê da fazenda, em cima de uma lona. Levei tempo realizando este trabalho, que viajou para Brasília enrolado numa vara de bambu.

Eu fazia muito disso. Transportava quadros enormes para São Paulo, Rio e Brasília, enrolados no bambu. Agora vou me lembrando do tempo em que viajava para Brasília a fim de participar de workshops e dinâmicas de grupo.

As aulas holísticas eram dadas ligadas sempre às atividades artísticas, um trabalho de arte coletiva que eu introduzira. Foi a melhor forma de integrar as energias num todo harmonioso e ao mesmo tempo prazeroso. Criar uma obra coletiva, sem um autor individual, sem comando, apenas dando incentivo e permitindo que a criação surgisse por si própria. Muitas vezes eu ficava exausta porque assimilava aquele conjunto de energias, mas o resultado era ótimo, valorizando-se mais o processo do que o resultado. Os baluartes da paz nos chegam quando nos empenhamos num trabalho de arte. Eles nos chegam silenciosos, dentro de cada um de nós. Leio o texto da Unesco, colocado em frente ao prédio da Unipaz:

“Uma vez que as guerras nascem no espírito dos homens, é no espírito dos homens que devem ser erguidos os baluartes da paz.”



A pedido de Pierre, submeti-me a um concurso para dar aulas em Brasília, na Universidade da Paz. Entrei com o meu currículo e usei o meu livro, “Os caminhos da Arte”, como roteiro da minha atuação na Universidade. Lembro-me de todas as sequencias desse concurso.

Agora estou mais uma vez em Brasília, revendo o passado.





Passamos pela cachoeira para tirar fotos. A cachoeira fica perto de uma construção de madeira com uma varanda. Ali ministramos vários workshops e assistimos muitas aulas. O que aprendemos começa a fazer parte de nós mesmos. Somos todos Um, não existe separatividade entre as pessoas. Energética e espiritualmente estamos ligados a tudo que existe, à água que cai em cascata muito branca, às árvores, às plantas, à vegetação do cerrado, às montanhas, aos mares, ao vento, às nuvens. Somos todos partes de um Todo. Pierre tentou chegar à Unidade, reunindo psicologia, ecologia, religião, filosofia. Teve o mesmo insight holístico que eu tive também no Retiro das Pedras.

Ele morava na rua de baixo, mas recebeu também, na mesma ocasião, a mesma inspiração. Era preciso divulgar a integração que existe entre os seres humanos, a natureza, o universo. O meu modo de distribuir essas ideias foi um pouco através da palavra, mas principalmente através da forma, da cor e do incentivo à criação.

As artes plásticas ajudam também e Deus nos favoreceu com este canal de difusão da Paz.

José Aparecido soube compreender a visão de Pierre e aqui estamos na Granja do Ipê, frente à cachoeira, lembrando o passado e refletindo sobre o futuro.



Meu livro “Os caminhos da Arte” revela esta visão holística, este insight recebido numa madrugada em minha casa do Retiro das Pedras.

Agora me lembro: debaixo dessas árvores, sentada também num tronco de árvore, cantamos o Gayatri mantra, lembrando o workshop realizado no pátio em frente. Tingimos serragem com as cores básicas na véspera do evento.

No dia, 150 pessoas se reuniram no pátio. Seria vivenciada a dança de Shiva, o deus dançarino que criou o universo. Dividimos o grupo, distribuímos bolinhas de gude para representar as estrelas. Eram 500 bolinhas que foram divididas para os 150 participantes. Cada um segurava suas bolinhas e, ao comando de Shiva e ao toque de um tambor, elas eram jogadas no chão.

Uma pessoa riscava com giz o trajeto das bolinhas e os espaços eram preenchidos com serragem colorida. Ao final, uma grande Mandala foi criada, com dança e muita reverência. Usamos como trilha sonora a música I Ching, do grupo UAKTI.

Dançamos em torno da Mandala, e, sem nenhum comando, surgiu uma dança indígena improvisada, utilizando flechas retiradas do bambuzal em frente.

Sentir a Unidade através da arte é uma experiência fundamental.

Essas lembranças nos remetem ao passado, mas também se situam no agora, no presente.

A cachoeira continua fluindo, em cascatas, sempre seguindo o seu curso. Vai levando o passado e levará também o presente. Debaixo do bambuzal posso escrever melhor e perceber que um outro workshop holístico está sendo realizado dentro da cabana. Estamos esperando a Lydia, que já nos acenou da janela da cabana e nos fez sinal de



espera. Pierre Weil já se foi para outro plano, ficou o Crema. Hoje há sempre gente trabalhando aqui, na educação, na psicologia, na espiritualidade, na arte.

A Unipaz foi uma conquista, que ela continue a dar seus frutos.

Aqui, neste lugar, sentimos florescer a paz.

4 de setembro de 2017

## **6. CARTA À UNIPAZ**



Fotos de Maria Helena Andrés no Retiro das Pedras

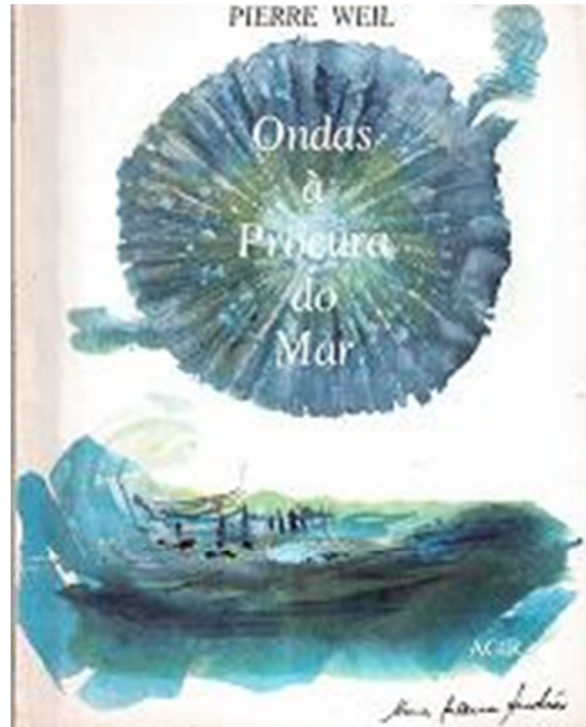
Retiro das Pedras, 30 de junho de 2017

Prezados amigos Lydia e Crema,

Recebi com muita gratidão o convite para participar das comemorações dos 30 anos da fundação da Cidade da Paz. Gostaria de estar presente, mas não será possível viajar para Brasília nessa data, porque já assumi compromisso com a família no Rio de Janeiro.

Essa comemoração significa muito para mim, pois acompanhei desde o início os esforços de Pierre Weil para levar adiante o seu sonho holístico. Pierre foi meu vizinho no condomínio do Retiro das Pedras, a visão holística nasceu nas montanhas de Minas. Pierre morava numa casa, na rua logo abaixo da minha. As ideias holísticas começaram a ganhar uma amplidão maior com Pierre Weil.

Na ocasião eu tive também um *insight* holístico que mais tarde serviu de roteiro para meu livro “Os caminhos da Arte”. Trocava ideias com Pierre e ele prefaciou meu livro. Foi com satisfação que participei de workshops na Unipaz, que illustrei seu livro *Ondas à procura do Mar* e que doei à Unipaz um quadro e um painel, ambos com o símbolo da mandala holística no cosmos.



A integração dos vários caminhos do desenvolvimento humano, a arte, ciência, religião, filosofia, ecologia e educação é necessária para iluminar os caminhos do mundo.

Pierre tinha vocação organizacional e com isso o seu sonho holístico se tornou realidade. Extrapolou a limitação de um condomínio nos arredores de Belo Horizonte e se transferiu para o Planalto Central, de onde se realizam e se projetam as ideias mais avançadas no campo de uma visão cósmica, transpessoal.

Pierre seguiu seu caminho, renunciando a sua carreira profissional para se dedicar de corpo e alma à gigantesca obra de reconstrução do ser humano. A Cidade da Paz continua a dar seus frutos e fazer crescer a semente plantada por seu fundador, o nosso inesquecível Pierre.

Numa fria manhã de outubro, domingo dedicado a São Francisco de Assis, foi celebrada uma missa na capela do Condomínio Retiro das Pedras, em homenagem a Pierre Weil, antigo morador e ex-presidente do Condomínio.

Nada melhor para apresentá-lo às pessoas que não tiveram a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente do que esta frase de São Francisco:” Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz.”

Essa oração, de certo modo, retrata o que foi Pierre em seus últimos anos de vida.

“Onde houver ódio, que eu leve o amor, onde houver tristeza que eu leve a alegria”

Pierre residiu por muitos anos no Retiro das Pedras. Caminhava todos os dias vestido com sua característica túnica indiana e aqui, neste ambiente de beleza natural no alto das montanhas, ele teve a oportunidade de dar continuidade à sua missão de pensador e místico holístico. Aqui no Retiro a Universidade da Paz foi idealizada. Sua proposta, anteriormente destinada a uma comunidade espiritualista nas montanhas extrapolou Minas Gerais para se expandir em Brasília, capital do país. Ali obteve do então governador José Aparecido de Oliveira o apoio necessário para a criação de uma Universidade Holística Internacional, buscando a integração de todas as tradições religiosas e o encontro entre Arte, Ciência, Religião, Filosofia, Psicologia, Ecologia.

Seus workshops e Formação Holística de Base, com o apoio da Unesco, se estenderam por todo o Brasil e existem representantes deles em várias cidades da América Latina.

O objetivo principal é a quebra da separatividade e a consciência de que todos somos irmãos, vivemos no mesmo planeta e respiramos o mesmo ar.



Por suas idéias Pierre Weil foi admirado e respeitado internacionalmente.

A missão de Pierre nesta vida foi sempre uma missão de paz, procurando harmonizar os conflitos e aceitando as adversidades com uma coragem extraordinária.

Pierre terminou seus dias cego, e mesmo assim continuou administrando workshops pelo Brasil. Reunia grupos e os sensibilizava para a percepção de outros aspectos sensoriais – do toque das mãos, do despertar do ouvido, do perfume das frutas e flores.

Pierre será sempre lembrado por esses aspectos positivos de sua pessoa.

Agradeço a todos vocês o convite.

Pedi ao Maurício que me represente na celebração dos 30 anos, e que doe à Unipaz um filme com a minha trajetória que poderá ser exibido na ocasião.

Um grande abraço a todos,

Maria Helena Andrés

sábado, 24 de abril de 2021

## 7. PADRE INÁCIO



Fotos de Maurício Andrés

Conheci Padre Inácio na década de 70.

Ele viera do Oriente e passara algum tempo no deserto, entre os beduínos. Sua presença em Belo Horizonte reuniu grupos de pessoas interessadas no despertar espiritual. Muitas se acercavam dele buscando conforto para conflitos pessoais, cura de doenças e até o exorcismo de espíritos maus. Padre Inácio, a todos com amor e compaixão.

Muitas vezes fui chamada para ajudá-lo em cerimônias de cura: “Você é sensitiva, coloca a mão na cabeça do paciente e eu dou a bênção.”

Os padres do deserto têm de exercer muitas vezes a função de médicos e curandeiros. O deserto atua de forma direta nas pessoas sensíveis, conduzindo-as a um completo despojamento do supérfluo e possibilitando maior abertura de consciência.

O deserto obriga a pessoa a usar o mínimo necessário para sua sobrevivência e, de certo modo, é uma iniciação espontânea e natural. As culturas primitivas buscavam no silêncio e no contato da natureza a percepção direta da Realidade Suprema.

A experiência culminante é a tomada de consciência de nossa origem cósmica.

Padre Inácio entrava em êxtase quando consagrava a hóstia e seu rosto resplandecia ao levantar o cálice.

Vinha gente de longe para participar daquele momento abençoado. Depois da missa ele atendia aos fiéis.

Sentávamos numa sala pequenina e ali ele ia aconselhando e trazendo conforto. Meus

tios vieram do Rio para conhecê-lo. Tinham acabado de perder o filho de forma trágica. Padre Inácio conversou com os dois e elogiou muito o trabalho social que faziam.

Meu filho Euler, que tinha 18 anos na época, veio nos pegar de carro. Quando ele apareceu à porta, minha tia comentou em tom de censura: “Padre, o senhor já viu um rapaz dessa idade com cabelos compridos?” Respondeu o padre: “Já vi sim, Nosso Senhor Jesus Cristo”.

Padre Inácio não tinha preconceitos, era ecumênico, abençoava casais que iniciavam um novo casamento, organizava grupos de reisado e congado.

Sua presença em Belo Horizonte veio acelerar o processo de integração de culturas.

No livro “Padre Inácio, vida, missão e curas”, há uma introdução de Pierre Weil: Mensagens de Padre Inácio vinte anos depois de sua morte - um testemunho de Pierre Weil: "Como relatei no meu livro, “Lágrimas de compaixão”, tive a felicidade de conhecer meu amigo Amyr Amiden, um sensitivo extraordinário, descendente de árabes e sujeito às experiências místicas, cuja intensidade afeta o seu coração, tal como o padre Inácio Farah. Há muitos anos eu assinalei estas semelhanças para o próprio Amyr. Após mais de uma década, desde o nosso primeiro encontro, por ocasião de uma visita na minha casa, Amyr foi o canal de um especial fenômeno que presenciamos: o aparecimento de hóstias nas paredes de minha sala de estar. Descobrimos que uma das hóstias foi alojada num retrato do padre Inácio, tirado em Belo Horizonte, pelo meu amigo que é arquiteto ambientalista, Maurício Andrés. O retrato estava pendurado na parede de meu quarto de meditação e representava o padre Inácio, elevando uma patena durante a missa, como mostra a foto da capa deste livro. A hóstia tinha sido alojada exatamente no lugar correto, em cima da patena, como mostra a foto a seguir. Na porta do meu quarto de meditação apareceu um coração feito de óleo, divinamente perfumado.” (Texto integrante do livro “Padre Inácio – vida, missão e curas”. Coletânea, introdução de Pierre Weil)

2 de maio de 2016

## 8. ARTE E VIDA

Pintar livremente, deixando fluir a espontaneidade.

Escutar em silêncio as direções que vêm de dentro  
sem conceitos e fórmulas.

Seguir o entusiasmo da descoberta

sentindo que as coisas surgem motivadas pelo toque inicial.

Este toque é necessário e promove mudanças na história das artes.

Guignard abriu as janelas da criatividade em Minas  
e deixou entrar luz.

A ele se achegaram aqueles que estavam preparados  
para a grande viagem.

Arte é uma passagem, um itinerário a seguir.

Altos e baixos pela frente.

Sucessos, fracassos, noites de descoberta, madrugadas de vigília.

Nosso mundo interior vem à tona para surpresa e alegria.

Surgem crianças, paisagens, cidades iluminadas,  
barcos, veleiros, foguetes espaciais.

O cosmos se revela em cores e transparências imaginárias.

Tudo faz parte de um todo, não tem nada separado.

Como uma árvore crescemos, nos subdividimos em galhos,

uns altos, outros baixos, alguns se escondem, outros buscam os céus.

São várias as mensagens que surgem no caminho.

Somos instrumentos para transmití-las.

Nossa vida é um processo

e os acontecimentos não são por acaso:

uns motivam os outros.

Dar testemunho, falar, escrever:

“Arte é um caminho”.

Unir todos os caminhos num só.

Novas sínteses, novas mandalas.

Vida e arte se resumem nesta busca

e caminhando encontramos nosso destino comum.

## **9. PREFÁCIO DE PIERRE WEIL PARA O LIVRO OS CAMINHOS DA ARTE**

Entre os caminhos que levam à consciência cósmica por meio de uma ampliação do campo de percepção, encontra-se a arte. Certo dia, uma pessoa ávida de desenvolvimento espiritual procurou o Swami Sivananda em Rishikesh, na Índia, pedindo-lhe uma iniciação na prática do Yoga. “Qual a sua profissão?”, perguntou o Swami. “Eu sou dançarino.” “Então você já está no caminho, pois a dança é um verdadeiro Yoga, respondeu Sivananda.

É o que compreendeu muito bem Maria Helena Andrés, que fez da arte, na sua própria vida, um meio de realização. Sua própria produção artística, a pintura, reflete a sua grande sensibilidade e a sua libertação progressiva dos condicionamentos e repressões. Aluna de Guignard, recebeu desse mestre a grande lição da libertação, voltar a ser criança. Pois Guignard era, antes de tudo, uma grande criança; a criança realiza a palavra de Cristo indicando o caminho da realização, o caminho do Reino do Céu; quem quer alcançar esse estágio supremo de evolução humana tem que voltar a ser criança, uma criança consciente. A arte nos oferece muito mais do que um só caminho. Há em primeiro lugar o caminho de quem cria, o caminho do produtor da obra. Para este, a arte é um meio de fazer falar as forças produtivas dentro dele mesmo; fatalmente, um dia terá que reconhecer que há dentro dele um Criador, e esse momento será o Eureka da sua existência.

Há também a beleza da obra pronta, o sentimento estético despertado no próprio artista pela sua própria produção. O sentimento estético é uma verdadeira experiência sublime, que influencia diretamente o sistema de valores de cada pessoa.

Há também a mensagem estética da obra artística, para quem a recebe, para quem contempla a produção, seja pictórica, musical ou de expressão corporal; deixar-se compenetrar por uma obra de arte pode levar a uma verdadeira experiência de contemplação, a uma experiência culminante.

Assim, uma obra artística pode ser um caminho não somente para quem a produz, mas também para quem a contempla; eu ia dizer para quem a possui, mas nem sempre a posse de uma obra tem esse objetivo ou resultado; quantos são os que compram uma obra por causa do nome do artista, visando a uma valorização monetária? Nesse caso o quadro é apenas uma ação na bolsa de arte. Maria Helena Andrés, no presente livro, se insurge contra a mercantilização da arte, ainda mais quando o artista produz apenas para



enriquecer.

A obra que Maria Helena Andrés nos oferece no presente livro é um convite à reflexão, não somente para os artistas ou apreciadores da arte, mas para todos os que se interessam pelo desenvolvimento da consciência humana. A sua abordagem é universal, ela faz questão de nos mostrar que a experiência espiritual não tem fronteiras nem culturas, nem religiosas, nem filosóficas. O seu livro é uma contribuição ao rompimento das barreiras criadas artificialmente entre os homens pelo próprio homem. Chegou o tempo de eliminá-las, mostrando ao homem que, se diferem os caminhos, todos eles levam ao encontro final dentro da unidade do Ser universal.

